

A ESPONSALIDADE DE CRISTO COM A IGREJA

1ª Parte: O Antigo Testamento

*Manoel Augusto Santos**
Me. Edson Pereira

Resumo

A relação de Cristo e a Igreja é apresentada como relação esponsal. Importa considerar esse tema eclesiológico quanto a suas raízes bíblicas. Nesta primeira parte, é apresentada a relação esponsal entre Iahweh e o seu povo no Antigo Testamento. Afinal, o tema da Igreja-Esposa brota da Sagrada Escritura. Foi desenvolvido ao longo da tradição cristã, ajuda a considerar a Igreja como uma realidade própria que não surge de uma soma de membros, mas cuja personalidade é um verdadeiro mistério que nos leva ao íntimo de seu ser, e põe em consideração o fim último e central do mistério criador e redentor, ou seja, a união de Deus com os homens.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja. Esponsalidade. Ecclesiologia. Bíblia. Imagens.

Abstract

The relation regarding Christ and the Church is presented as a relation regarding the husband and his wife. Here we cannot forget the ecclesiological subject and its biblical roots. This first part deals with the images of Yahweh and his people in the Old Testament, then there it emerges as a deep relation. The Christian tradition has developed it showing that the Church isn't a reality resulting from the sum of the members. Its personality is a true mystery and considers the last telos of the mystery of creation and redemption, that is to say, the union of God with mankind.

KEY WORDS: Church. Marriage. Ecclesiology. Bible. Images.

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS, tendo por colaborador Me. Edson Pereira.

Teocomunicação	Porto Alegre	v. 37	n. 158	p. 447-469	dez. 2007
----------------	--------------	-------	--------	------------	-----------

O Concílio Vaticano II afirma que, no Antigo Testamento, a revelação da Igreja se dá sob figuras. São usadas imagens que nos dão a conhecer a natureza íntima da Igreja. Assim, temos imagens tomadas da vida pastoril, da agricultura, das edificações, como também da família e do casamento, destacando especialmente algumas dessas figuras: redil, lavoura ou campo, porta, vinha, casa e família de Deus, templo, esposa, mãe, Jerusalém do alto.¹ A Igreja como a Esposa² não é somente como uma imagem, senão uma realidade essencial que indica algo central de seu próprio ser e mistério, merecendo ocupar lugar de destaque na teologia e na vida da Igreja.

O tema da Igreja-Esposa merece ser colocado em evidência, devido a três razões fundamentais: (a) porque brota da Sagrada Escritura e foi desenvolvido ao longo da tradição cristã; (b) porque obriga a considerar a Igreja como uma realidade própria que não surge de uma soma de membros, mas cuja personalidade é um verdadeiro mistério que nos leva ao íntimo de seu ser; (c) porque põe em consideração o fim último e central do mistério criador e redentor, ou seja, a união de Deus com os homens.

Assim, é decisivo apresentar os principais elementos bíblicos sobre a esponsalidade entre Deus e o povo. Importa aprofundar esse tema eclesiológico, especialmente quanto às raízes bíblicas do mistério esponsalício de Cristo-Esposo, Igreja-Esposa.

Nesta primeira parte, ver-se-á a relação esponsal entre Iahweh e o seu povo, no Antigo Testamento, tendo como ponto central a Aliança. A referência dar-se-á no livro Cântico dos Cânticos, no Salmo 44 (45) e também nos escritos proféticos de Oséias, Jeremias e Ezequiel. Na segunda parte, será apresentada a Revelação contida no Novo Testamento, ou seja, na Nova Aliança, que tem como centro Jesus Cristo como o Esposo da Igreja, a partir dos Evangelhos Sinóticos, dos escritos joaninos e dos escritos paulinos – especialmente em *Ef* 5, 22-32.

¹ Cf. *LG* 6.

² A Igreja é apresentada como a esposa imaculada, a qual Cristo amou e por ela se entregou, para santificá-la. Uniu-se a ela por um indissolúvel vínculo, e sem cessar alimentá-la, tendo-a submissa no amor e fidelidade, cumulando-a, por fim, eternamente, de bens celestes.

O termo relação esponsal deriva do latim (*spondere*, que significa prometer, obrigar-se a, dar garantia). Portanto, refere-se a responder e assumir a sua parte no engajamento.³ Importa verificar a relação esponsal, ou seja, a esponsalidade no que se refere ao amor de Deus a seu povo.⁴ Evidente está a não-confusão com os esponsais, ou seja, a promessa de casamento feita um bom tempo antes das núpcias.⁵

1 Introdução

Cabe lembrar que Bíblia é Palavra de Deus em linguagem humana. Ao apresentar notas e características da imagem de Deus, parte de conceitos e aspectos que o homem vive. Deus fala numa linguagem em que se possa fazer entender. Deus revela-se através de conceitos e noções conhecidas. Assim, temos o conceito de Deus-Esposo.⁶

³ Cf. E. HECKLER *et alii*. *Dicionário morfológico de língua portuguesa*. São Leopoldo: Unisinos, 1984, p. 3921-3923.

⁴ “Como em outras culturas, a Bíblia enquadra com cuidado a realidade do casal e elabora sua identidade e alcance simbólico de uma maneira que, ao mesmo tempo em que o subtrai do domínio do sagrado, faz dele uma referência central da revelação e da história da salvação. Com o advento da palavra aliança, ou seja, Javé que faz aliança com o seu povo, a mesma comporta, desde o século VIII, na literatura profética, uma nota conjugal. Entre os diversos nomes que servem para designar Javé em sua relação para com Israel, o de Esposo ocupa um lugar eminente” (J. LACOSTE. *Dicionário crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004, p. 355).

⁵ “Esponsais, na Antiguidade, é a palavra que designava a primeira das duas fases da celebração matrimonial, na forma como ocorria entre os povos e, portanto, também entre judeus e cristãos. A primeira fase (esponsais) consistia em um acordo ou pacto entre duas famílias visando à convivência matrimonial de dois de seus membros. A segunda fase (núpcias) acontecia normalmente depois do intervalo de alguns meses, com uma festa solene, de caráter público e religioso, com a qual tinha início a coabitação” (L. PACOMIO; V. MANCUSO. *Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 255).

⁶ O amor de Deus por Israel é comparado ao do noivo por sua noiva, ou do esposo pela esposa (*Os* 2,16; *Jr* 2,2.30-37; 3,1-13; *Ez* 16,8). Deus tem “ciúmes” por causa de Israel infiel; por isso castiga-o, mas também lhe promete um coração novo (*Jr* 30,17; 31,2-4.21-22; *Ez* 16,53-63) e novas bodas após o castigo do exílio (*Os* 2,16-25; 3,1-5; *Lm* 1,1-21; *Is* 49,14-21; 50,1-2; 51,17s; 54,1-10; *Ct* 1,1s). João Batista chama Jesus de noivo (*Jo* 3,29; *Ef* 5,22s), sendo ele o amigo do noivo. Em Cristo, Deus realiza as bodas definitivas com a Igreja, que é a noiva (*2Cor* 11,2) ou esposa de Cristo (*Ap* 21,9). Por isso, o Reino é uma festa de casamento (*Mt* 22,1-14; 25,1-13; *Lc* 14,16-24; *Jo* 2,1-11; 3,25-30; *Mt* 9,14-15; *Ef* 5,25s; *Gl* 4,21-23; *2Cor* 11,1-3).

Na compreensão do Antigo Testamento, pouco a pouco, são feitas considerações da aliança⁷ entre Yahweh e Israel com características nupciais. Já no Novo Testamento, distintos testemunhos nos dão a compreensão da Nova Aliança⁸ com característica nupcial, na qual Cristo é o Esposo e, aos poucos, aparece a Igreja como a Esposa.⁹ Importa apresentar esse percurso do Antigo e do Novo Testamentos, com o estudo dos principais textos considerados importantes para uma fundamentação da união sponsal entre Deus e a Igreja. O presente artigo detém-se no Antigo Testamento, onde a imagem de Deus-

⁷ “A aliança é na Bíblia e na teologia cristã um conceito central que designa a relação entre Deus e seu povo por analogia com as relações privilegiadas que os homens estabelecem entre si por contrato. A idéia de aliança remete à palavra hebraica *berît*, como também ao grego *diatheké*, que traduz nos LXX a expressão hebraica citada” (J. LACOSTE, *ibidem*, p. 86). O sentido de aliança, empregado nesse escrito, é a relação entre Deus e Israel entendida na Bíblia mediante o recurso ao conceito da aliança expresso no conjunto da história da salvação que os livros do Antigo e do Novo Testamentos testemunham. No Antigo Testamento, a aliança surge claramente com o fundamento da vida social, moral e religiosa do povo de Israel. Os profetas fazem indiretamente referência a ela para exprimir a singularidade dos vínculos que unem estreitamente Deus ao seu povo e com a imagem da nova aliança alimentam a esperança e a expectativa de um futuro de bem, de paz e de familiaridade profunda entre Iahweh e Israel. O Antigo Testamento insiste na gratuidade da aliança, em seus efeitos salvíficos e na necessidade da adesão livre do homem a ela. Do encontro entre a liberdade de Deus e a de Israel (homem) brota a salvação. No Novo Testamento, a aliança assume um caráter de novidade, de plenitude e de definitividade, graças ao dom do Filho e do Espírito, feito pelo Pai a humanidade. O sangue de Cristo é estipulado o novo e eterno pacto, que liga os homens a Deus, fazendo deles um novo povo, chamado a viver a comunhão com seu Senhor. Na Bíblia, estreitamente relacionado com o conceito de aliança, está o da criação, pois ambas têm a mesma raiz: o amor. Deus cria tudo em vista da aliança; é graças a ela que a criação alcança sua plenitude. Ela é a nova criação. A estreita conexão entre criação e aliança faz surgir, de forma mais evidente, Jesus Cristo como centro, princípio, modelo e fim para o qual tudo tende (cf. L. PACOMIO; V. MANCUSO. *op. cit.*, p. 13). Sobre a aliança ver também J. BAUER *et alii*. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 4-8; J. MCKENZIE. *Dicionário Bíblico*, 5. ed. São Paulo: Paulus, 1983, p. 24-27.

⁸ O Novo Testamento considera que a promessa de uma Nova Aliança já encontrou seu cumprimento em Cristo. A tradição da última ceia constitui o coração da teologia da Nova Aliança. São Paulo e também a carta aos Hebreus vão desenvolver esse tema (cf. J. LACOSTE, *ibidem*, p. 88).

⁹ Cf. A. MONTERO. “La Iglesia Esposa”. In *Ecclesia Tertii Millennii Advenientis*. Roma: Edizione Piemme, 1997, p. 477.

Esposo tem muita importância, porque ajudou Israel no conhecimento do ser e do agir de Deus.¹⁰

Deus criou tudo por amor. Fez o homem à sua imagem e semelhança. Em Adão, todos nós somos a esposa do Esposo. Deus preparou a esposa desde o início da criação. Satanás separou a criatura do Criador, a esposa do Esposo: o pecado rompe a harmonia, a unidade do amor.¹¹

O pacto de Deus com Abraão tem valor nupcial: é um pacto perpétuo. A aliança com Abraão é como um contrato matrimonial. Tanto é verdade que Deus se demonstra zeloso, e o culto aos ídolos é considerado traição e adultério.¹² “Israel é amado qual esposa pelo seu Deus, independentemente de qualquer infidelidade sua”.¹³ A Aliança entre Deus e Israel determina uma relação marcada por mútua confiança e fidelidade, embora se saiba que o povo foi muitas vezes infiel. Ainda assim, Deus jamais negava seu amor¹⁴ e resgatava seus escolhidos. “À medida que se aprofunda no povo de Israel o caráter específico e último da Aliança eterna, concluída entre Deus e seu povo, o caráter nupcial dessa Aliança se firma cada vez mais”.¹⁵

Israel experimenta um Deus próximo de si. Um Deus que o escolheu e se revelou, prometendo a sua presença operante em meio aos israelitas. Pode-se perceber isso, tanto no tempo dos patriarcas, como na aliança do Sinai. “Deus promete estabelecer a sua morada entre os israelitas, caminhar com eles e ser o seu Deus”.¹⁶ Deus demonstra todo

¹⁰ Javé revela-se como aquele que faz aliança com seu povo. Entre os diversos nomes que servem para designar Javé em sua relação para com Israel, o de Esposo ocupa um lugar eminente (cf. J. LACOSTE, *op. cit.*, p. 355).

¹¹ Cf. A. BENI, Arialdo. *La nostra Chiesa*, 5. ed. riv. Roma: Libreria Editrice Fiorentina, 1987, p. 115.

¹² Cf. *ibidem*, p. 116.

¹³ M. MAGNOLFI *et alii*. “A revelação do mistério da Igreja Esposa”. In *A Igreja no seu Ministério/I*. São Paulo: Editora Cidade Nova, 1984, p. 129.

¹⁴ A realização da Aliança do Sinai e as renovações subsequentes são feitas à maneira de um contrato: Deus dispõe-se a proteger, salvar, libertar Israel de seus inimigos e, Israel, por sua vez, deve observar a Lei de Deus, condensada nos dez mandamentos. Deus chama Israel dentre os outros povos para ser o seu povo e conclui com ele uma aliança eterna (cf. *Lv* 26, 11-12; *Ex* 29, 44-45). “O conjunto narrativo da escola sacerdotal transforma a idéia de aliança: do lado de Deus, o compromisso não será jamais desfeito. Ele é eterno. Não se remete mais a aliança de Deus com Israel à sua manifestação no Sinai, e sim à aliança concluída com Abraão (*Gn* 17)” (J. LACOSTE, *op. cit.*, p. 88).

¹⁵ J. CADILHAC. *Por que amar a Igreja*. São Paulo: Editora Santuário, 1998, p. 24.

¹⁶ M. MAGNOLFI *et alii*, p. 128.

o seu amor, e o povo eleito apóia a sua relação com Deus nesse conhecimento.

Com o decorrer do tempo e com o multiplicar-se das infidelidades do povo, surgem os profetas para reafirmar que o núcleo central das relações entre Deus e o seu povo está na aliança fundada no amor.¹⁷ Israel é chamado pelos profetas como esposa de Deus. Eles aplicam essa imagem tão expressiva a Israel do passado, do seu tempo e do futuro. Essa imagem situa a relação de Deus com o seu povo na categoria de verdadeiros esposos.¹⁸ Nas suas profecias, a presença de Deus em meio ao povo, além de ser uma relação vital, dialógica e pessoal, é também expressa através de imagens do amor esponsal.¹⁹

Três passagens bíblicas (*Os* 2, 4-25; *Jr* 2-4; *Ez* 16) podem ser consideradas mais significativas, além do livro *Cântico dos Cânticos* e do Salmo 44 (45).

2 O Cântico dos Cânticos

Na tradição hebraica, o livro *Cântico dos Cânticos*²⁰ é atribuído a Salomão, por constar o seu nome no escrito (cf. 3,7ss e 8,11ss), e a

¹⁷ Nos livros proféticos, dá-se o remanejamento deuteronomista, ou seja, estabelece-se, enfim, uma aliança nova, eterna, em que Deus – pelo correlativo do Espírito –, vai renovar o coração humano de tal maneira que ninguém jamais romperá o compromisso assumido (cf. *Jr* 30, 13; 31, 27-34; *Ez* 11, 17-20; 16, 59-63; 36, 22-32; 37, 21-28; *Sl* 51, 12ss). Cf. J. LACOSTE, *ibidem*, p. 88.

¹⁸ Cf. A. ANTÓN. *La Iglesia de Cristo*, Madrid: BAC; EDICA S.A., 1977, p. 264.

¹⁹ Cf. M. MAGNOLFI *et alii*, p. 128.

²⁰ O *Cântico dos Cânticos*, isto é, o Cântico por excelência, o mais belo cântico, celebra, numa série de poemas, o amor mútuo de um amado e de uma amada, que se unem e se perdem, se buscam e se encontram. O amado é chamado de rei (1, 4.12) e Salomão (3, 7.9). Na Bíblia hebraica é classificado entre os escritos que formam a terceira e mais recente parte do cânon judaico. Depois do século VIII de nossa era, quando o Cântico foi utilizado na liturgia pascal, ele tornou-se um dos cinco *megillôt* (*sic!*), ou rolos que se liam nas grandes festas. Este livro, que não fala de Deus e que emprega a linguagem de um amor apaixonado, tem causado estranheza. No século I da nossa era, em meios judaicos, surgiram dúvidas sobre sua canonicidade e foram resolvidas, apelando-se para a tradição. Foi baseando-se nela que a Igreja cristã sempre o considerou como Escritura sagrada. Segundo Anne-Marie Pelletier, há duas propostas de estrutura do *Cântico dos Cânticos*: 1) Uma divisão clássica defendida por A. Robert e assumida pela Bíblia de Jerusalém. Consiste em distinguir cinco poemas. Cada um deles se identifica pela presença conjunta de descrições inflamadas do amado e da amada, e do tema da posse mútua; 2) R. J. Tournay, em 1982, no seu livro *Quand Dieu parle aux hommes la langue de l'amour*, propõe outra divisão, desta vez em dez cantos, a qual completa e aperfeiçoa

tradição cristã agregou-o aos livros chamados “sapienciais”.²¹ Autores cristãos aproveitaram esse escrito para fazer analogias da relação de Deus como o Esposo de Israel e, conseqüentemente, Israel como a esposa de Deus. Mais tarde, isso foi transferido para a relação de Cristo com a Igreja, ou seja, Cristo o Esposo divino da Esposa Igreja.

A interpretação alegórica é muito mais antiga. Tornou-se comum entre os judeus, a partir do século II da nossa era: o amor de Deus por Israel e o do povo por seu Deus são representados como o relacionamento entre dois esposos; seria o mesmo tema do matrimônio que os profetas desenvolveram desde Oséias. Os autores cristãos, sobretudo por influência de Orígenes e apesar da oposição individual de Teodoro de Mopsuéstia, seguiram a mesma linha que a exegese judaica, mas nos seus escritos a alegoria se transformou na das núpcias de Cristo com a Igreja ou da união mística da alma com Deus. Muitos comentadores católicos modernos permanecem fiéis a essa interpretação alegórica, sob várias formas. Eles se limitam ao tema geral de Iahweh esposo de Israel, ou então procuram encontrar no desenrolar do Cântico a história das conversões de Israel, de suas desilusões e esperanças.

A interpretação mais antiga na tradição judaica²² e cristã dá ao livro do *Cântico dos Cânticos* um significado de ordem religiosa, ou seja,

a de A. Robert, servindo de base a diversos estudos recentes (cf. A. PELLETIER. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 15). Para Stadelmann, esses elementos lingüísticos são característicos da língua hebraica do pós-exílio. Para fixar com mais precisão a época da composição do livro, situamos seus temas no contexto histórico, relacionando-os com a temática tratada em outros livros. Ora, em dois livros proféticos (Ageu e Zacarias), que datam de 520 a.C., há vaticínios sobre a importante função que Zorobabel, descendente davídico, irá desempenhar como representante de Deus, na organização da cidade de Judá (Ag 2, 20-23; Zc 6, 12-14). Com isso, e também com outros dados compilados, chega-se à conclusão de que o escrito seja pertencente ao período em torno de 500 a.C. (cf. L. STADELMANN, *Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 17).

²¹ Esses livros da Bíblia são uma reflexão sobre a experiência humano-religiosa à luz de Deus, com vistas a tirar conselhos práticos para a vida. A reflexão de sábios introduz fortes problemas: vida, morte, dor, conduta, felicidade (cf. MISSAL Romano, Cotidiano da Assembléia Cristã. São Paulo: Paulus, 1985, p. 24).

²² A interpretação tradicional judaica vê no Cântico, de modo geral, uma alegoria do amor de Deus por Israel. Para o *Targum*, o poema descreve por símbolos uma síntese da história de Israel, desde Moisés até à época do *Talmud*, evocando sucessivamente a libertação do jugo do Egito, a dádiva da Lei, a construção e dedicação do Templo, o exílio e o retorno, assim como o reino dos Asmoneus e a expectativa do Rei-Messias. A tradição do *Midrax*e procede da mesma maneira (cf. A. PELLETIER, *op. cit.*, p. 52).

descreve o amor entre Deus e o seu povo nos termos do amor humano. Esse é um tema que terá prolongamento entre profetas (cf. *Os* 1-3; *Is* 62, 5; *Jr* 3, 1-10; *Ez* 16; 23). Em sentido literal o livro parece ser uma celebração do amor e da fidelidade entre um homem e uma mulher. Considerando que o amor humano em si mesmo já é um eco do amor divino, o livro encontra-se essencialmente orientado para isso. O Cântico dos Cânticos tem sido considerado favorito pelos místicos cristãos, como Bernardo de Claraval e João da Cruz, entre outros, que conseguem expor suas profundas visões do amor humano e divino.²³

A profissão de fé dos cristãos, que proclama Jesus como sendo o cumprimento da esperança de Israel, dá uma nova chave de interpretação do livro do *Cântico dos Cânticos*. Além disso, o texto sagrado, interpretado à luz do que a tradição nos diz, procura revelar o mistério da encarnação, a identidade da Igreja e dar uma maior importância ao batismo.²⁴ Assim, pode-se afirmar:

A Igreja vai, doravante, interpretar este texto como uma palavra que lhe diz respeito. O amado identifica-se com o Cristo, enquanto a amada é a figura da Igreja, compreendida, quer na sua existência coletiva, quer no seu modo de ser individual. Por toda a era patristica, da Idade Média e até mais além, o texto será lido e relido nessa perspectiva, produzindo uma impressionante safra de comentários... Quem se aprofunda nesta tradição descobre que o Cântico não é, de modo algum, mais um texto difícil, obscuro ou incômodo; muito ao contrário, vai vê-lo como algo indispensável, a via régia para revelar o mistério da encarnação, a identidade da Igreja, e ensinar o que é a via batismal.²⁵

²³ Cf. R. BROWN *et alii*. *Comentario Bíblico San Jerónimo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, Tomo II, p. 437-438.

²⁴ A Igreja é convidada a se reconhecer na amada do *Cântico dos Cânticos*, porque é a própria vida cristã que se atinge como realidade nupcial. A catequese instrui o catecúmeno sobre a história sagrada, comentando o Cântico; ensina-lhe, igualmente, a se assumir como esposa de Cristo a quem se dirigem as palavras do amado; mostra-lhe como guardar as disposições do coração de esposa para poder, por sua vez, pronunciar as palavras da amada. Eis as razões de as catequeses batismais fazerem alusões ao Cântico, quando instruíam os catecúmenos sobre o sentido dos sacramentos de iniciação que iriam receber. Essa presença é tão marcante que, quando o catecúmeno adentrava o batistério, recordava as palavras da amada do Cântico: Leva-me, ó rei, aos teus aposentos... (*Ct* 1, 4) (cf. A. PELLETIER, *op. cit.*, p. 59).

²⁵ *Ibidem*, p. 54.

“A voz do meu amado! Vejam: vem correndo pelos montes, saltitando nas colinas! Como um gamo é meu amado... um filhote de gazela” (*Ct* 2, 8-9). Segundo Pelletier, a Páscoa, passagem de Deus pelo meio do povo, é parafraseada nesses dois versículos. O amado representa, ora o próprio Deus, ora Moisés e, outras vezes, o Messias de quem o amado é figura, visto que a festa da Páscoa recebe interpretação escatológica e messiânica.²⁶

Para Stadelmann, os versículos citados acima narram, em monólogo, a repentina aproximação do amado, feliz por chegar à sua pátria. A palavra “voz” tem o sentido de escuta. A analogia entre o amado e a gazela retrata a maneira discreta da presença do amado, de modo a despertar nos habitantes a expectativa por sua presença efetiva e estável no país.²⁷

“Meu amado é meu e eu sou dele, do pastor das açucenas! Antes que a brisa sopra e as sombras se debandem, volta! Sê como um gamo, amado meu, um filhote de gazela pelas montanhas de Beter” (*Ct* 2, 16-17). Esse v. 16 expressa a união entre os amantes, as delícias que o amado encontra na pessoa da amada; o v. 17 prossegue com a mesma idéia, onde as montanhas de *Beter* são o símbolo da amada.²⁸

Stadelmann comenta que, nesses versículos, tem-se por tema a aliança entre o rei, designado pelo título de pastor, e a figura representativa dos judeus autóctones, comparados com os lírios que se destacam na paisagem. Do ponto de vista jurídico, a aliança²⁹ é a forma mais íntima

²⁶ Cf. A. PELLETIER, *op. cit.*, p. 52-53. O *Shir hashirim Rabbah* (provavelmente em torno do século VIII d.C.) reúne as tradições relacionadas com o Cântico e confirma esta linha de interpretação alegórica. Cf. *Ibidem*.

²⁷ Cf. L. STADELMANN, *op. cit.*, p. 77-78.

²⁸ Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo II, *op. cit.*, p. 441.

²⁹ Nos textos do Antigo Testamento, menciona-se a formalização dessa aliança, por ocasião da investidura do rei. Como a cerimônia se realizava no contexto religioso, essa aliança tinha conotação religiosa e, ao mesmo tempo, dimensão política, na forma de um pacto. A aliança era um dos princípios constitutivos da monarquia, e se impôs como regime político em Israel e Judá durante o período de sua autonomia como Estados independentes. Com a anexação do reino de Israel ao império assírio, em 722 a.C., e do reino de Judá ao império babilônico, em 587 a.C., foi supressa a monarquia, indo a família real para o exílio. A esperança de restauração da realeza se reavivou entre os habitantes de Judá, ao retornarem à pátria os descendentes da dinastia davídica como governadores, investidos no cargo pelas autoridades persas. Tal esperança é expressa, em linguagem poética, na forma de apelo ao amado, para que retorne ao país, o mais depressa possível, na função de pastor, isto é, revestido de autoridade real (cf. L. STADELMANN, *ibidem*, p. 87).

de cooperação entre o rei e o povo. A declaração formal de aliança exprime a adesão da população à casa real e confirma seu apoio ao projeto de restauração da monarquia davídica.³⁰

“Eu sou do meu amado, seu desejo o traz a mim” (*Ct* 7, 11). O tema da aliança novamente é retomado. Stadelmann comenta:

Este dístico trata do tema da aliança entre o rei e a nação judaica, representada pela *Sulamita*. A identidade do rei, designado pelo título de amado, e a da *Sulamita*, é tão conhecida nesta altura do poema, de modo que a formulação genérica da relação recíproca entre os dois personagens adquire uma especificidade própria no contexto das aspirações da população de Judá pela restauração da monarquia. Com a declaração de pertencer ao rei, a população, representada pela *Sulamita*, aceita o pacto de submissão ao sucessor davídico. E o representante da casa real de Davi manifesta a intenção de vincular o destino da realeza ao futuro da nação e de assumir o compromisso de colaborar na proteção e obtenção dos mútuos interesses nas circunstâncias e nos modos previstos pela aliança.³¹

Nesse versículo há também uma alusão ao desejo sexual de *Gn* 3, 16,³² isto é, a atração da mulher pelo seu marido. Já em Reis, a intenção do amado é de associar-se à *Sulamita* (cf. *IRs* 1, 1-4) explicitando seu desejo de estabelecer essa associação, em cuja união ela encontra sua plenitude e seu *status* social.³³

Enfim, o Cântico dos Cânticos serve para exprimir, em sua expressão mais avançada e mais acabada, a realidade da aliança designada pelos profetas.³⁴

3 Salmo 45 (44)

Dentro da literatura sapiencial do Antigo Testamento, o salmo 45 (44) canta a união esponsal de Deus com o seu povo:

Do mestre de canto. Sobre a ária Os lírios... Dos filhos de Coré.
Poema. Canto do amor. Meu coração transborda num belo poema,

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Cf. STADELMANN, *op. cit.*, p. 176.

³² Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo II, *op. cit.*, p. 445.

³³ Cf. L. STADELMANN, *ibidem*, p. 176.

³⁴ Cf. J. LACOSTE, *op. cit.*, p. 355.

eu dedico a minha obra a um rei, minha língua é a pena de um escriba habilidoso. És o mais belo dos filhos dos homens, a graça escorre dos teus lábios, porque Deus te abençoa para sempre. Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente, com majestade e esplendor; vai, cavalga pela causa da verdade, da pobreza e da justiça. Tens a corda do arco, tornando terrível a tua direita! Tuas flechas são agudas, os povos submetem-se a ti, os inimigos do rei perdem a coragem. Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente! O cetro do teu reino é cetro de retidão! Amas a justiça e odeias a impiedade. Eis por que Deus, o teu Deus te ungiu com óleo da alegria, como a nenhum dos teus rivais; mirra e aloés perfumam tuas vestes. Nos palácios de marfim, o som das cordas te alegra. Entre as tuas amadas estão as filhas do rei; à tua direita uma dama, ornada com ouro de Ofir. Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido: esquece o teu povo e a casa do teu pai, que o rei se apaixone por tua beleza: prostra-te à sua frente, pois ele é o teu senhor! A filha de Tiro alegrará teu rosto com seus presentes, e os povos mais ricos com muitas jóias cravejadas de ouro. Vestida com brocados, a filha do rei é levada para dentro, até ao rei, com séqüito de virgens. Introduzem as companheiras a ela destinadas, e com júbilo e alegria elas entram no palácio. Em lugar de teus pais virão teus filhos, e os farás príncipes sobre a terra toda. Vou comemorar teu nome de geração em geração, e os povos te louvarão para sempre e eternamente.

O salmo 45 (44) é composto por ocasião das bodas de um rei israelita com uma princesa estrangeira (vv. 11-13).³⁵ A Bíblia de Jerusalém, referindo-se ao epitalâmio real,³⁶ em nota de rodapé relata:

Conforme alguns, este Sl poderia ter sido um canto profano para as núpcias de um rei israelita, Salomão, Jeroboão II ou Acab (que desposou uma princesa de Tiro, *IRs* 16, 31). Mas a tradição judaica e a cristã o interpretam com referência às núpcias do Rei-Messias com Israel (figura da Igreja; cf. *Ct* 3, 11; *Is* 62, 5; *Ez* 16, 8-13, etc.)... O poeta dirige-se primeiramente ao Rei-Messias (vv. 3-10), aplicando-lhe os atributos de Iahweh (*Sl* 145, 4-7.12-13, etc.) e do Emanuel (*Is* 9, 5-6), depois à rainha (vv. 11-17).

³⁵ Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo II, *op. cit.*, p. 632.

³⁶ Epitalâmio real significa um canto dedicado a um rei no dia de suas bodas. Cf. L. SCHÖKEL; C. CARNITI, *Salmos I: Salmos 1-72*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 621.

Para Artur Weiser, o salmo 45 (44) é o único exemplo de lirismo profano, no saltério, e acrescenta:

É um cântico em homenagem a um jovem rei e sua esposa, uma princesa de Tiro (v. 13). Foi composto e apresentado por um cantor da corte para o casamento do soberano. Presumivelmente foi dedicado a um rei do Reino do Norte, conforme também sugerem certas particularidades lingüísticas. Não é possível determinar quem foi esse rei. Entre os nomes propostos pelos comentaristas incluem-se Acab, Jeú, Jeroboão II, também Salomão e Jorão de Judá e até Aristóbulo I ou um dos Ptolomeus. Nascido da alegre animação da festa e visando engrandecer o brilho da solenidade, esse cântico artístico traz a inegável marca do exagerado estilo da corte, como a dos pomposos cânticos em que os reis do antigo Oriente mandavam eternizar a sua fama pelas mãos dos artistas (cf. v. 18). Por isso é recomendável interpretar o poema, que reúne, por assim dizer, num único ramalhete multicolor diferentes aspectos e pensamentos da festa, como uma espécie de descrição do desenrolar das solenidades e menos ainda pretender determinar, a partir do próprio poema, o lugar e o momento de sua apresentação no contexto da festa.³⁷

A primeira parte do cântico (vv. 3-10) é dedicada ao louvor do rei que, na beleza de sua figura e na afabilidade de seu caráter, identifica-se à bênção de Deus que para sempre deverá repousar sobre seu soberano. Ao lado da imagem do rei como herói de guerra, coloca-se a do soberano da paz. Nesse contexto, o rei é denominado Deus.³⁸

Com a designação 'divino', o Antigo Testamento não quer significar tanto a qualidade especial, mas sobretudo a função do rei como soberano e justo. Nesse sentido, pela unção real ele se torna o representante de Deus entre o seu povo. Nisso se baseia também a eternidade do seu domínio, simbolizado pelo trono e pelo cetro.³⁹

³⁷ A. WEISER. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 267.

³⁸ Tomando como referência os Sl 2, 7; 110, 2s; 2Sm 7, 13s, é lícito supor aqui a influência do estilo das cortes do antigo Oriente. Entretanto, em nenhuma passagem do Antigo Testamento se pode provar a divinização do rei, como acontecia entre os egípcios e os babilônicos. É sempre preservada a intransponível distância entre Iahweh e o rei, entre Deus e o homem, e também no v. 8 (Iahweh, o teu Deus) isso aparece expressamente. Cf. *ibidem*, p. 268.

³⁹ *Ibidem*.

As qualidades do rei (vv. 3-6) recordam o caráter sagrado do monarca israelita e, ao referir-se a Deus (*Elohím*), no v. 7, isso deve-se entender como que aplicado ao rei. Esse é chamado, assim, não como divindade, no sentido metafísico, senão que alude a um âmbito superior ao de um simples mortal. O rei, com unção recebida e sua relação com Iahweh, passa a ser considerado uma pessoa sagrada, como que “divina”.⁴⁰

“Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido: esquece o teu povo e a casa do teu pai...” (v. 11). Nesse versículo, o autor sagrado pede o abandono do passado para viver um novo presente, projetando um futuro promissor. Como seu antepassado Abraão, Israel deve romper toda a ligação com o mundo pagão, que o cerca, e receberá filhos (v. 17) em troca dos pais que foram deixados.

Esquecer o seu povo e a casa paterna tem por objetivo pertencer ao único Esposo e Senhor, abandonando os ídolos.

A ela se dirige a paternal exortação do experimentado poeta para que esqueça o seu povo e a casa paterna para, doravante, pertencer totalmente ao seu esposo e senhor, ao qual, na qualidade de rei, também ela deve prestar homenagem. Novamente o dever (cf. *Rt* 1, 16) é colocado acima dos sentimentos e desejos pessoais que possam despertar a saudade. É admoestação grave, cuja justificação só entendemos plenamente, quando pensamos no desastroso papel que tiveram, por exemplo, as mulheres estrangeiras de Salomão ou Jezabel, a filha do rei de Tiro, induzindo o povo a adotar costumes estrangeiros, até no campo da vida religiosa.⁴¹

Sobre o comportamento da noiva frente ao seu parceiro o v. 12 diz: “[...] prostra-te à sua frente, pois ele é o teu senhor”!

A submissão da noiva ao seu parceiro, tanto qual marido como na sua qualidade de rei (11b; cf. o emprego que Sara faz da palavra senhor, *Gn* 18, 12), vai junto com a dignidade derivada dele. Os amigos e súditos dele agora são dela; ela ganha, ao invés de perder, pela homenagem prestada por ela.⁴²

Weiser afirma que o salmista inclui a promessa da bênção dos filhos, costumeiramente dirigida à noiva, numa fórmula de bênção

⁴⁰ Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo II, *op. cit.*, p. 632.

⁴¹ A. WEISER, *op. cit.*, p. 268-269.

⁴² D. KIDNER. *Introdução e comentário aos livros I e II dos Salmos*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1980, p. 193.

ao rei, unindo ambos na tarefa e no sentido comum do enlace matrimonial.⁴³ E prossegue:

Conseqüentemente, a rainha sentir-se-á ligada à sua nova pátria nos seus filhos pelos fortes laços do seu próprio sangue, e o rei, e com ele todo o país, poderá sentir-se orgulhoso com este fortalecimento, e seguro do seu domínio. Esta maneira de tratar o assunto demonstra tanto a delicadeza de sentimento como a admirável habilidade do poeta em entretecer, com palavras escolhidas, sentimentos pessoais e interesses e necessidades objetivos. O poeta parece consciente da sua importância, quando considera sua função de proclamar e eternizar a fama (nome) do rei, o que realmente cumpriu com o seu cântico.⁴⁴

Seguindo no mesmo raciocínio, o autor vê a relação entre Cristo e a Igreja refletida na relação entre o esposo e a esposa do salmo, baseado numa interpretação messiânica. Assim comenta:

Evidentemente, isso não teria ocorrido, se o salmo, já em época antiga, não tivesse sido reinterpretado e aplicado ao Messias e, nesse sentido, não tivesse sido incluído na coleção dos salmos. Também o Novo Testamento, baseado na interpretação messiânica do judaísmo tardio, aplicou as afirmações do salmo a Cristo (*Hb* 1, 8), enquanto a Igreja antiga viu a relação entre Cristo e a Igreja, refletida na relação entre esposo e esposa do salmo. Mesmo assim, tal interpretação alegórica não teria sido possível sem este profundo senso de seriedade moral e responsabilidade religiosa, que já transparece no próprio salmo, sob a forma do estilo de corte, e eleva a realidade terreno-profana às regiões superiores do mundo religioso.⁴⁵

O salmo é messiânico, e entra de forma tão clara na categoria de poesia literalmente nupcial como o *Cântico dos Cânticos* atribuído a Salomão. Ao mesmo tempo, para o olhar cristão, fala indubitavelmente do Messias. Efésios 5, 32-33 vai colocar tudo isso e dirimirá muitas dúvidas.⁴⁶

Schökel condensa em três opiniões o pensamento dos autores modernos, a respeito da interpretação messiânica do salmo 45 (44): sem nenhum sentido, em sentido espiritual e em sentido literal. Assim escreve:

⁴³ Cf. A. WEISER, *ibidem*, p. 269.

⁴⁴ A. WEISER, *op. cit.*, p. 269.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ D. KIDNER, *op. cit.*, p. 191.

Simplificando, reduzirei a três as opiniões sobre o possível sentido messiânico do salmo: em nenhum sentido (Butenweiser), em sentido espiritual (tipológico, alegórico), em sentido literal. Para ilustrar a terceira opinião, resumirei as razões de Philips (1846). O salmo não se pode aplicar a Salomão, porque não foi batalhador, seus filhos não foram príncipes por toda a terra, o rei é chamado Deus e não alcançou o renome prometido no final. Muito menos se pode aplicar a outro rei dos hebreus. Somente aplicado a Cristo tem sentido. Embora o NT não sugira seu verdadeiro sentido, o salmo é tão sugestivo, em seus pontos principais que qualquer investigador, humilde e sem preconceitos, haverá de ser levado irremissivelmente ao sentido pretendido pelo autor inspirado. Que o rei porte o título de Deus o prova: porque os salmos coraítas usam *elohîm* exclusivamente para a divindade, porque um trono eterno não pode ser propriedade de um rei terreno, porque, em caso contrário, anula-se o argumento da carta aos Hebreus, pois o AT não chama a Deus de rei individual da nação hebraica.⁴⁷

Prevalece a corrente que defende a origem do salmo relacionada com um soberano do Reino de Israel. Essa imagem, posteriormente, foi transferida para o Messias, confirmada nos primórdios da Igreja e desenvolvida num sentido messiânico, sem perder o seu significado literal no contexto da história do povo de Deus do Antigo Testamento.

4 Oséias

O livro de Oséias testemunha a perspectiva da infidelidade, onde os termos “prostituição” e “adultério” designam o pecado de Israel. O profeta recebe a ordem de desposar uma prostituta; nesse casal simbólico, o povo deverá reconhecer sua situação de infidelidade em relação a Iahweh.⁴⁸

Processai a vossa mãe, processai. Porque ela não é a minha esposa, e eu não sou o seu esposo. Que ela afaste do seu rosto as suas prostituições e de entre os seios os seus adultérios. Senão eu a despirei completamente, a deixarei como no dia de seu nascimento, torná-la-ei semelhante a um deserto, transformá-la-ei numa

⁴⁷ L. SCHÖKEL; C. CARNITI, *op. cit.*, p. 630.

⁴⁸ Cf. J. LACOSTE, *op. cit.*, p. 355.

terra seca, fá-la-ei morrer de sede. Não amarei os seus filhos, porque são filhos da prostituição. Sim, sua mãe prostituiu-se, cobriu-se de vergonha aquela que os concebeu, quando dizia: Quero correr atrás de meus amantes, daqueles que me dão o meu pão e a minha água, a minha lã e o meu linho, o meu óleo e a minha bebida. Por isso cercarei o seu caminho com espinhos e o fecharei com uma barreira, para que não encontre suas sendas. Perseguirá seus amantes sem alcançar, procurá-los-á, mas não os encontrará. Dirá então: Quero voltar ao meu primeiro marido, pois eu era outrora mais feliz do que agora. Mas ela não reconheceu que era eu que lhe dava o trigo, o mosto e o óleo, quem lhe multiplicava a prata e o ouro que eles usavam para Baal. Por isso retomarei o meu trigo a seu tempo e o meu mosto na sua estação, retirarei a minha lã e o meu linho, que cobriam a sua nudez. Agora vou descobrir a sua vergonha aos olhos dos seus amantes, e ninguém a livrará de minha mão. Acabarei com a sua alegria com as suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados e com todas as suas assembléias solenes. Devastarei a sua vinha e a sua figueira, das quais dizia: Este é o pagamento que me deram os meus amantes. Farei delas um matagal, e os animais selvagens as devorarão. Eu a castigarei pelos dias dos baals, aos quais queimava incenso. Enfeitava-se com o seu anel e o seu colar e corria atrás de seus amantes, mas de mim ela se esquecia! Oráculo de Iahweh. Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração. Dali lhe restituirei as suas vinhas, e o vale de Acor será uma porta de esperança. Ali ela responderá como nos dias de sua juventude, como no dia em que subiu da terra do Egito. Acontecerá, naquele dia, – oráculo de Iahweh – que me chamarás Meu marido, e não mais me chamarás Meu Baal. Afastarei de seus lábios os nomes dos baals, para que não sejam mais lembrados por seus nomes. Farei em favor deles, naquele dia, um pacto com os animais do campo, com as aves do céu e com os répteis da terra. Exterminarei da face da terra o arco, a espada e a guerra; fá-los-ei repousar em segurança. Eu te desposarei a mim para sempre, eu te desposarei a mim na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a mim, na fidelidade e conhecerás a Iahweh. Naquele dia, eu responderei – oráculo de Iahweh – eu responderei ao céu e ele responderá à terra. A terra responderá ao trigo, ao mosto e ao óleo e eles responderão a Jezrael. Eu a sementearei para mim na terra, amarei a Lo-Ruhamah e direi a Lo-Ammi: Tu és meu povo, e ele dirá: Meu Deus (*Os* 2, 4-25).

Nesse poema de amor não-correspondido, e vivo apesar de tudo, o profeta Oséias⁴⁹ parte de sua triste experiência pessoal que, por ser um homem apaixonado e traído por sua esposa, tenta livrar-se do amor não-correspondido, a fim de não sofrer mais, sem consegui-lo, porém. A paz seria esquecer, mas o amor não o permite. Chama-a de prostituta, tenta vingar-se, mas o amor persiste. Resolve, então, cortejá-la e namorá-la novamente.⁵⁰

Yahweh fala em primeira pessoa e incita os filhos para que dêem testemunho contra a mãe (v. 4). Mais adiante, em v. 6, são os próprios filhos submetidos ao juízo. A mãe é Israel infiel. Os filhos, por suposto, são os israelitas.⁵¹

Em meio à intensa dor de seu drama pessoal, o profeta Oséias começa a compreender a tremenda realidade das infidelidades do povo de Israel para com Deus. Schökel afirma:

Se Oséias viveu essa terrível dor, um dia, subitamente, recebeu inspiração do alto, e no íntimo de seu amor angustiado descobriu, a custo, refletido outro amor mais alto e mais profundo. Também Deus amou como marido apaixonado, também a sua esposa o traiu, e não obstante continua amando.⁵²

Deus é um esposo que escolheu Israel como sua esposa querida, amou-a apaixonadamente, desposou-a pela Aliança, mas essa, não satisfeita com todas as demonstrações de amor do esposo, entrega-se a

⁴⁹ Oséias exerceu o ministério profético no Reino do Norte, durante o governo de Jero-boão II (cf. *Os* 1,1), que reinou de 783 a 743 a.C. (século VIII). Esse período caracterizava-se por um grande surto de progresso material e cultural, mas, simultaneamente, por uma grande decadência moral e religiosa. Oséias, posterior a Elias, é um dos continuadores da conscientização do povo. Sua missão profética começa pela dolorosa experiência de um drama familiar. O profeta desposa Gomer, a quem ama apaixonadamente. Com ela tem três filhos. Apesar de todo o seu amor, ela abandona-o sem motivo algum, para entregar-se à prostituição sagrada nos templos pagãos. A experiência dolorosa do profeta torna-se um símbolo do comportamento de Yahweh para com seu povo e a consciência desse simbolismo pode ter modificado a apresentação dos fatos. Com uma audácia surpreendente a uma paixão que impressiona, a alma terna e violenta de Oséias exprimiu pela primeira vez as relações entre Yahweh e Israel nos termos do matrimônio. Toda a sua mensagem tem por tema fundamental: o amor de Deus desprezado por seu povo.

⁵⁰ Cf. A. SCHÖKEL; S. DIAZ. *Profetas II*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 902.

⁵¹ Cf. R. BROWN *et alii*. *Comentario Bíblico San Jerónimo*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1971, Tomo I, p. 684.

⁵² A. SCHÖKEL; S. DIAZ, *op. cit.*, p. 902.

amantes ocasionais, que nada fizeram por ela. A Aliança de Deus é a expressão externada de um amor sem limites. O rompimento dessa é o de um laço de amor. Em Oséias, Deus aparece como esposo traído sem motivo algum, cuja experiência o próprio profeta acaba de fazer. É Oséias quem introduz na linguagem bíblica o conceito de Deus-Esposo.⁵³

Deus é quem toma sempre a iniciativa para reconquistar o amor de sua esposa infiel: “Por isso, eis que vou, eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração” (cf. v. 16ss). “O eixo é constituído de dois verbos *dbr/’nh*: ele fala, ela responde”.⁵⁴ Ele e ela, chamado e resposta.

O retorno da divorciada Israel pode simbolizar a restauração das relações com Yahweh. Segundo a lei, os esposos divorciados não podiam voltar a casar-se entre si (*Dt* 24, 1-4). O profeta revela a necessidade de estabelecer um novo contrato com Yahweh, e o deserto é o local ideal para esse reencontro do Esposo com a esposa.⁵⁵

A restauração operada por Yahweh realizar-se-á mediante a nova Aliança entre Deus e a criação (cf. *Gn* 9, 8-10). A idéia da Aliança prossegue com a imagem de um contrato matrimonial. A expressão “desposar” alude ao preço da noiva, ao dom que oferece o noivo.⁵⁶

5 Jeremias

Em Jeremias, a relação de sponsalidade mostra-se importante:

Vai e grita nos ouvidos de Jerusalém: Assim disse Yahweh: Eu me lembro, em teu favor, do amor, de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, por uma terra não-cultivada. Israel era santo para Iahweh, as primícias de sua colheita (*Jr* 2, 2-3a).

O profeta Jeremias⁵⁷ retoma de Oséias a visão idealizada do deserto, como noivado cheio de possibilidade ilusória ou dedicação. “Ela

⁵³ Cf. A. ANTÓN, *op. cit.*, p. 264.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 906.

⁵⁵ Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo I, *op. cit.*, p. 684-685.

⁵⁶ Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo I, *op. cit.*, p. 686.

⁵⁷ Jeremias nasceu em uma família sacerdotal instalada em Anatot, ao norte de Jerusalém, em sua vizinhança de Jerusalém, por volta do ano de 650 a.C. Chamado por Deus, ainda muito jovem, em 626 a.C., no décimo terceiro ano de Josias (1, 2), desempenha seu

arrostava as fadigas do deserto para seguir ao seu amado (pode comparar-se com *Ct* 2,7; 3,2s; 5,6s). Seguir pode ser expressão comum de fidelidade religiosa”.⁵⁸

Na primeira parte de seu ministério, que vai desde o início de sua vocação (627-626 a.C.) até à reforma de Josias (621 a.C.), Jeremias está sob a influência de seu antecessor Oséias. A maior parte desses oráculos forma os capítulos de 1 a 6. O profeta insiste em que a Aliança é fundamentalmente uma questão de amor entre Yahweh e Israel. Amor simbolizado pela união do homem e da mulher no matrimônio.⁵⁹

“Eu me lembro, em teu favor, do amor, de tua juventude...”. “O termo hebreu *hesed* (cf. *Os* 2, 21) designa aqui, com uma coloração afetiva, a lealdade de relações, dentro da aliança, entre a nação israelita e Deus, seu esposo”. Define as relações de Yahweh com Israel, nos tempos do êxodo; alude ao mútuo amor, fiel e misericordioso que se concretiza na Aliança. Jeremias certamente encontra-se influenciado por Oséias, seu antecessor. Ambos apresentam o período do deserto⁶⁰ como ideal na história de Israel.⁶¹

Tanto para Jeremias quanto para Oséias, as transgressões da lei de Deus eram autênticas traições ao compromisso de amor jurado por ocasião da Aliança. Israel é, também para Jeremias, a esposa amada de Deus que se adulterou e se prostituiu. E, diante de uma traição, a experiência humana mostra como é difícil o reatamento das relações de amor. Daí o misto de indignação ante a culpada, e de angústia ante a obstinação no pecado.⁶² A condenação feita por Jeremias dá-se nestes termos:

ministério profético no período mais turbulento da história de Israel, o tempo dos últimos reis de Judá e da destruição de Jerusalém. Há Indícios de que o profeta tenha morrido no Egito. Segue a teologia de Oséias e emprega as mesmas imagens para exprimir as relações de Deus com Israel.

⁵⁸ A. SCHÖKEL; S. DIAZ, *op. cit.*, p. 443-444.

⁵⁹ R. BROWN *et alii*, Tomo I, *ibidem*, p. 793-794.

⁶⁰ Como *Os* 2, 16-22, Jeremias considera o tempo do deserto do ponto de vista das maravilhas realizadas por Deus e, deixando de lado as rebeliões de Israel (*Ez* 20, 13; *Sl* 78, 34; 95, 10; 106, 14), ele apenas pensa na fidelidade no seguimento de seu guia nessa terra inculca (lit. não-semeada).

⁶¹ Cf. R. BROWN *et alii*, Tomo I, *op. cit.*, p. 806.

⁶² Jeremias convoca o povo a testemunhar sobre aquilo que Deus fizera de bom para Israel e a fim de explicar a razão que o levava a trocá-lo por outros deuses, coisa que nenhuma outra nação faria. O objetivo de sua pregação é levar o povo a reconhecer a necessidade de arrependimento (cf. R. PLAMPLIN, *Jeremias: seu ministério, sua mensagem*. Rio de Janeiro: JERP, 1997, p. 13).

Se um homem repudia a sua mulher, e ela se separa dele e se casa com um outro, terá ele, por acaso, direito de voltar a ela novamente? Porventura, não está completamente profanada esta terra? E tu, que te prostituíste com inúmeros amantes, queres voltar a mim! Oráculo de Yahweh” (*Jr* 3,1).

6 Ezequiel

O profeta Ezequiel⁶³ também utiliza a imagem da esposa para designar as relações de Israel com seu Deus. Em especial nos capítulos 16, 20 e 23, numa linguagem cortante e audaz, Ezequiel descreve as atitudes da esposa que se prostituiu, depois de ter recebido todo o amor e os mais ricos presentes do esposo que a amou. Mais do que os outros profetas, Ezequiel manifesta a violência do ciúme e da indignação a que é levado o esposo traído e abandonado. “Puseste a tua confiança na tua beleza e, segura de tua fama, te prostituíste, prodigalizando as tuas prostituições a todos os que apareciam” (*Ez* 16, 15). E mais. “Descarregarei contra ti o meu zelo e te tratarão com cólera” (*Ez* 23, 25a).

Em especial, no capítulo 16, o profeta apresenta um amplo quadro histórico de Jerusalém em imagem matrimonial. O tema central é a aliança. Schökel e Diaz remontam a atividade profética, em um comparativo aos predecessores de Ezequiel, ou seja, Oséias e Jeremias. Assim afirmam:

Aquilo que em Oséias é símbolo e poesia elevadíssimos, em Ezequiel passa a ser alegoria avivada por uma paixão violenta. Para Oséias, a mulher era Israel, para Ezequiel ela é Jerusalém, que sintetiza e representa o povo. Oséias começa com uma situação conjugal; Jeremias remonta ao tempo do noivado, com tom melancólico; remonta Ezequiel ao começo, ao nascimento, ligando a imagem ao motivo popular da criança enjeitada. Se Jeremias vai entretecendo uma série de imagens originais e expressivas, Ezequiel demora-se em pormenores realistas, brutais até.⁶⁴

⁶³ Ezequiel anunciou a Palavra de Deus entre os exilados da Babilônia entre 593 e 571. (Essas datas são confirmadas pelo texto: 1, 2 e 29, 17). Dois acontecimentos marcam a vida desse profeta: a irrupção da glória de Deus fez desse sacerdote um profeta, e a queda de Jerusalém transforma o pregador de condenação em pregador de salvação.

⁶⁴ A. SCHÖKEL; S. DIAZ, *op. cit.*, p. 750.

Mas Deus não se esquece de seu povo e de sua Aliança firmada. Não se submete à vontade do homem, mas o resgata, pois é rico em misericórdia:

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Agirei contigo como tu agiste: desprezaste um juramento imprecatório e violaste uma aliança. Contudo, lembrar-me-ei da aliança que fiz contigo na tua juventude e estabecerei contigo uma aliança eterna (*Ez 16, 59-61*).

Nesse amor misericordioso de Deus, Schökel e Diaz aludem que Deus, sendo amor, é capaz de dar continuidade ao seu plano de salvação, e comentam:

[...] existiu uma primeira aliança – em termos matrimoniais – à qual Jerusalém foi infiel, merecendo o repúdio; Deus puniu a infiel conforme as suas ações. Por cima dessa infidelidade atua em Deus (*sic!*) um princípio de continuidade, a lembrança, a qual, afinal de contas, é o amor (como no poema de Oséias); essa lembrança, que também se pode chamar fidelidade, liga a nova aliança com a antiga numa espécie de continuidade. Deus, fiel a si mesmo, recebe de novo a infiel.⁶⁵

No v. 8 lê-se: “Passei junto de ti e te vi. Era o teu tempo, tempo de amores, e estendi a aba da minha capa sobre ti e ocultei a tua nudez; comprometi-me contigo por juramento e fiz aliança contigo – oráculo do Senhor Iahweh – e tu te tornaste minha”. Schökel e Diaz comentam:

Deus passa novamente, conhece o lugar como também reconhece a jovem. Cobre-a, como Rute pediu a Booz (*Rt 3, 9*). A eleição, ao acolhê-la como noiva e como esposa, é tudo ação de Deus, a qual desemboca nessa fórmula concentrada de aliança “tu te tornaste minha”. *Pr 2, 17* propõe o matrimônio como aliança (cf. também *Ml 2, 14*).⁶⁶

Com o pecado de infidelidade da esposa (Jerusalém), superabundou a misericórdia do Deus-Esposo. E, como esposa reconciliada,

⁶⁵ *Ibidem*, p. 760.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 754.

Jerusalém recebe novos filhos, que são outros povos convertidos e perdoados.⁶⁷

8 Coordenadas a partir da fundamentação veterotestamentária

O que se percebe, numa leitura do Antigo Testamento, ao referir-se a sponsalidade de Deus com seu povo, é que não é fácil compreender e manifestar o paradoxo que se estabelece entre a cólera e o amor. Um exemplo disso encontra-se em Oséias:

Como poderia eu abandonar-te, ó Efraim, entregar-te, ó Israel? Como poderia eu abandonar-te como a Adama, tratar-te como a Seboim? Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se. Não executarei o ardor de minha ira, não tornarei a destruir Efraim, porque eu sou um Deus e não um homem, eu sou santo no meio de ti, não retornarei com furor (*Os* 11, 8-9).

O profeta tem uma noção que o ajuda a compreender como o castigo e a salvação podem coexistir lado a lado. Na desgraça Israel lembrar-se-á do tempo em que era feliz: “Quero voltar ao meu primeiro marido, pois eu era outrora mais feliz do que agora” (*Os* 2, 9b).

Na maior parte dos textos proféticos que utilizam a imagem do Deus-Esposo, e que manifestam a cólera divina, aparece bem claro que a última palavra não pertence à ira, nem à rejeição, mas ao amor. O castigo e o sofrimento foram uma etapa necessária para que a esposa infiel pudesse dar-se conta da situação miserável e de infidelidade a que a levaram suas depravações. O esposo está à espera.

Porque o teu esposo será o teu criador, Iahweh dos exércitos é o seu nome. O Santo de Israel é o teu redentor. Ele se chama o Deus de toda a terra. Como a uma esposa abandonada e acabrunhada Iahweh te chamou; como à mulher da sua mocidade, que teria sido repudiada, diz o teu Deus. Por um pouco de tempo te abandonei, mas agora com grande compaixão torno a recolher-te. Em um momento de cólera, escondi de ti o meu rosto, mas logo me compadeci de ti, levado por um amor eterno, diz Iahweh, o teu redentor (*Is* 54, 5-8).

⁶⁷ Cf. *ibidem*, p. 760.

O *Cântico dos Cânticos* apresenta a união esponsal entre Deus e o Povo de Israel, prefigurando, dessa forma, o mesmo tipo de união que existirá na Nova Aliança entre Cristo e a Igreja.⁶⁸ A fé cristã professa que, em Jesus, acontece o cumprimento de todas as promessas do Antigo Testamento, as quais constituíam a esperança do povo de Israel. Dentre essas, pode-se salientar a de fidelidade mútua entre Deus e o povo: “Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus” (*Ex* 6,7). O que vem apresentado no *Cântico dos Cânticos* a Igreja aplica a sua relação com Jesus Cristo.

O salmo 45 (44) é como que a antecipação e a preparação da “nova e eterna aliança” esponsal entre Cristo e a Igreja. É um salmo messiânico e entra tão claramente na categoria de poesia literalmente nupcial como o *Cântico dos Cânticos* atribuído a Salomão e, ao mesmo tempo, por nós cristãos, fala de Cristo.

Deus ama a cada pessoa de maneira pessoal, íntima e profunda, e quer uma resposta igual. A Aliança feita no Sinai, e tantas vezes renovada, não era observada plenamente. Diante das inúmeras infidelidades do povo, Deus poderia rejeitar para sempre esse povo (sua esposa) por ser pecador e impenitente. Mas, sobrevém a novidade consoladora manifestada especialmente nos profetas: Deus fará nova Aliança, na qual predominem o amor e o conhecimento íntimo de Deus. A mudança será feita pelo próprio Deus no coração do homem (cf. *Jr* 31, 31-34; *Ez* 36, 24-28). Essa nova Aliança realiza-se plenamente com a vinda e na pessoa de Jesus Cristo. Ao assumir a natureza humana na encarnação, ele desposa, de maneira profundamente íntima, toda a humanidade.

⁶⁸ Cf. L. STADELMANN, *op cit.*, p. 56.